

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

PATRÍCIA AZAMBUJA PEREIRA

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DE 8º ANO DE LÍNGUA INGLESA DA
COLEÇÃO *ALIVE!*: DA VARIAÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA À ESTILÍSTICO-
PRAGMÁTICA**

**Bagé
2017**

PATRÍCIA AZAMBUJA PEREIRA

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DE 8º ANO DE LÍNGUA INGLESA DA
COLEÇÃO *ALIVE!*: DA VARIAÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA À ESTILÍSTICO-
PRAGMÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras –Português/Inglês e Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Taíse Simioni

**Bagé
2017**

PATRÍCIA AZAMBUJA PEREIRA

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DE 8º ANO DE LÍNGUA INGLESA DA
COLEÇÃO *ALIVE!*: DA VARIAÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA À ESTILÍSTICO-
PRAGMÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português/Inglês e Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 25 de novembro de 2017.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Taíse Simioni
Orientadora
UNIPAMPA

Profa. Dra. Kátia Vieira Morais
UNIPAMPA

Profa. Dra. Clara Zeni Camargo Dornelles
UNIPAMPA

AGRADECIMENTO

À Profa.Dra. Taíse Simioni, pela orientação e ajuda não apenas na escrita deste trabalho, como também na vida.

A todos os professores que, de alguma forma, me ajudaram a refletir sobre o ensino e a sempre buscar novos conhecimentos.

A todos os colegas de curso e amigos que fizeram com que minha existência fosse mais cheia de vida.

Ao meu companheiro, Gustavo Machado, por todo carinho, amor e suporte.

Aos meus pais que, embora não estejam mais neste plano, foram e sempre serão meus guias. Obrigada pelo amor, carinho, dedicação e apoio.

Gratidão.

RESUMO

O presente trabalho analisa o livro didático de língua inglesa da coleção *Alive!* utilizado no oitavo ano de uma escola pública da cidade de Bagé-RS. Nossa análise teve como objetivo verificar quais são os níveis de variação linguística presentes no material, assim como os fatores sociais que podem auxiliar na identificação dos níveis de variação. Foi identificado um total de quatro níveis de variação propostos por Bagno (2007): fonético-fonológico; sintático; lexical e estilístico-pragmático. Além desses quatro níveis, o material abordou a *spelling variation*, também conhecida como variação ortográfica, mas que não faz parte dos níveis propostos pelo autor. Quanto aos fatores sociais, foram identificados apenas três: origem geográfica; status socioeconômico e redes sociais. Observou-se que, dentre os níveis de variação, houve maior destaque à variação fonético-fonológica, presente em 40% dos casos. Quanto aos fatores sociais, é notório o destaque da variação de acordo com a origem geográfica, presente em 74% dos casos. Além disso, verificamos que a variação morfológica e a semântica não foram abordadas, assim como os fatores: grau de escolarização; idade; sexo e mercado de trabalho. Dessa forma, verificamos que, embora o material aborde diferentes variedades, ainda é necessário ampliar o leque de conhecimento dos alunos para que não se limitem a crer que a língua irá variar apenas de acordo com o local onde se fala ou então que as variedades estão restritas ao *accent* de cada região.

Palavras-Chave: Variação linguística. Livro didático de língua inglesa. *Alive!*

ABSTRACT

The present work analyzes the English coursebook of the *Alive!* collection used in the eighth grade of a public school in the city of Bagé-RS. Our objective with this analysis is to verify what are the levels of linguistic variation present in the material, as well as the social factors that can help in the identification of the variation levels. A total of four levels of variation proposed by Bagno (2007) are identified: phonetic-phonological; syntactic; lexical and stylistic-pragmatic. In addition to these four levels, the material approaches spelling variation, also known as orthographic variation, even though it is not part of the levels proposed by the author. As for social factors, only three are identified: geographical origin; socioeconomic status and social networks. It is observed that, among the levels of variation, the phonetic-phonological variation was more prominent, present in 40% of the cases. As for the social factors, the prominence of the variety according to the geographic origin is present in 74% of the cases. Moreover, we verified that the morphological and semantic variation is not addressed, as well as the factors: degree of schooling; age; sex and the labor market. Thus, we find that although the material approaches different varieties, it is still needed to expand the range of knowledge of the students so that they do not simply assume that the language will vary only according to the place where it is spoken or yet, that the varieties are restricted to the accent of each region.

Keywords: Linguistic variation. English coursebook. *Alive!*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Exemplo de atividade com variação no nível lexical e fonético-fonológico, seção <i>Let's start!</i> , unidade 1.....	26
Figura 2 – Box <i>Did you know...?</i> , seção <i>Let's start!</i> , unidade 1.....	27
Figura 3 – Texto <i>The language of South Africa</i> , seção <i>Let's read!</i> , unidade 1.....	28
Figura 4 – Atividade 4, seção <i>Let's read!</i> , unidade 1.....	29
Figura 5 – Language variation in If-clauses, seção <i>Let's focus on language!</i> , unidade 2.....	30
Figura 6 – Exemplo de variação no nível estilístico-pragmático, seção <i>Let's read and talk!</i> , unidade 8.....	31
Figura 7 – Language Variation with <i>ever, never, already</i> and <i>yet</i> , seção <i>Let's focus on language!</i> , unidade 5.....	31
Figura 8 – Fator origem geográfica e status socioeconômico, seção <i>Let's listen and talk!</i> , unidade 1.....	34

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Variação linguística por unidade	25
Tabela 2 – Fatores sociais por unidade.	33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 Sociolinguística	13
2.2 Variação Linguística no inglês.....	16
2.3 Variação Linguística no material didático.....	19
3 METODOLOGIA	22
3.1 O livro didático... ..	22
3.2 <i>Corpus</i> do trabalho	23
3.3 Processo de análise	23
4 ANÁLISE.....	24
4.1 Níveis de variação linguística	24
4.2 Fatores sociais	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS.....	38

1 INTRODUÇÃO

Ao considerar a língua como uma atividade social, podemos perceber sua heterogeneidade e analisar suas variações. De acordo com os PCNs de língua estrangeira, a natureza sociointeracional da língua é fator determinante para o uso que fazemos dela “pois quem a usa considera aquele a quem se dirige ou quem produziu um enunciado” (BRASIL, p. 27). Desse modo, verificamos as mudanças que ocorrem na língua ao longo do tempo, de acordo com o uso que os falantes fazem dela. Conforme Bagno (2007), a variação ocorre em todos os níveis da língua: variação fonético-fonológica; variação morfológica; variação sintática; variação semântica; variação lexical; e variação estilístico-pragmática. O estudo de tais variações se torna essencial por parte de professores de línguas, uma vez que a eles cabe o papel de ensinar não apenas a norma-padrão de um idioma, mas também as características da língua em uso e, assim, discutir sobre o preconceito linguístico presente em nossa sociedade.

Assim como o português, a língua inglesa também apresenta suas variedades e o estudo da variação linguística em língua inglesa se faz necessário. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais,

A questão da variação lingüística em Língua Estrangeira pode ajudar não só a compreensão do fenômeno lingüístico da variação na própria língua materna, como também do fato de que a língua estrangeira não existe só na variedade padrão, conforme a escola normalmente apresenta. (BRASIL, 1998, p.47)

Dessa forma, surge a necessidade do professor de inglês abordar a variação linguística, não apenas de origem geográfica (comumente abordada em materiais didáticos, principalmente no que diz respeito ao inglês americano¹ e britânico), mas também considerar outros fatores extra e intralinguísticos, a fim de evitar uma concepção de língua limitada por parte do aluno. O livro didático ao abordar a dicotomia “americano x britânico”, contribui para essa visão limitada, uma vez que destaca principalmente a variação de origem geográfica, desconsiderando outros fatores, como: idade, mercado de trabalho, sexo, entre outros.

¹ Embora o termo mais apropriado seja “estadunidense” por se referir ao inglês dos EUA, faremos uso do termo “americano” eventualmente por se tratar da abordagem trazida no material didático.

Sabe-se que o material didático utilizado na rede pública de ensino é distribuído pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e é tido como suporte para o ensino, um guia para professores de todas as regiões do país. A escolha de materiais deve, portanto, ser cautelosa e criteriosa.

Com base nesses preceitos, buscamos neste trabalho analisar o livro didático de língua inglesa da coleção *Alive!* utilizado pelo 8º do ensino fundamental de uma escola pública de Bagé-RS, a fim de verificar quais níveis de variação linguística são encontrados. Além disso, tivemos como objetivo verificar quais fatores sociais influenciam a variação a fim de identificar se há a prevalência de algum. O material foi selecionado por conter uma unidade específica dedicada à variação linguística, intitulada “English in the world”.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção trazemos a exploração de alguns conceitos fundamentais para o embasamento do trabalho. Serão abordados três aspectos: a sociolinguística e sua contribuição na compreensão da variação linguística; a variação linguística na língua inglesa; e a variação linguística no material didático.

2.1 Sociolinguística

A Sociolinguística abordada neste trabalho teve sua origem através das investigações propostas por William Labov, na década de 60, e tem como objetivo estudar a língua em seu uso real, considerando as condições sociais e culturais nas quais é produzida. Anteriormente a Labov, o estruturalismo saussuriano e o gerativismo chomskyano não abordavam a variação linguística em seus estudos, desconsiderando, assim, as influências culturais, históricas e ideológicas presentes na língua (COELHO et al., 2010).

Em seu livro *Sociolinguistic Patterns* (1991, p. xiii), William Labov expressa ter resistido por muito tempo ao termo *Sociolinguística*, uma vez que “it implies that there can be a successful linguistic theory or practice which is not social”. Apesar de sua resistência, Labov acaba tendo que adotar o termo e, graças a sua pesquisa, contamos atualmente com inúmeros trabalhos que analisam a língua nos mais diversos meios sociais e auxiliam professores ao redor do mundo a trabalhar com as variedades existentes na língua.

Ao estudar a variação linguística, Bagno (2007, p. 39-40) afirma que a variação ocorre em todos os níveis da língua. São eles:

- a) **Varição fonético-fonológica:** caracterizada pelas diversas formas que uma palavra pode ser pronunciada. Nesse caso, o autor traz como exemplo as diferentes pronúncias do “R” da palavra “porta” no português brasileiro;
- b) **Varição morfológica:** quando o uso de diferentes morfemas expressam uma mesma ideia. Como exemplo de variação morfológica temos as palavras “Pegajoso” e “Peguento”.
- c) **Varição sintática:** quando os elementos da oração podem ser organizados de maneiras diferentes, mantendo o sentido geral da

mensagem. Ex: “Uma história que ninguém prevê o final”/ “Uma história cujo final ninguém prevê”.

- d) **Variação semântica:** quando uma mesma palavra pode ter significados distintos. Como exemplo temos a palavra “manga” que, de acordo com seu contexto, pode significar o fruto da mangueira ou a parte da roupa onde se enfia o braço.
- e) **Variação lexical:** quando se utiliza diferentes vocábulos para expressar uma mesma coisa. Nesse caso, o autor traz os exemplos “xixi”, “mijo” e “urina”.
- f) **Variação estilístico-pragmática:** quando o uso da língua varia de acordo com o grau de formalidade do ambiente, assim como com a intimidade entre os interlocutores. Neste último nível, o autor utiliza como exemplo os enunciados “Queiram se sentar, por favor” e “Vamo sentano aí, galera”.

A fim de estudar minuciosamente a variação linguística, Bagno(2007, p. 43) observa que os sociolinguistas selecionam um conjunto de fatores sociais que podem auxiliar na identificação de fenômenos da variação linguística. São eles:

- **Origem geográfica:** considera-se, aqui, a variedade encontrada na língua dos indivíduos de acordo com sua localidade. Podemos observar no Rio Grande do Sul, por exemplo, as diferentes falas de cidadãos de Bagé, Erechim e Porto Alegre. Também é possível observar as diferenças que ocorrem entre habitantes da região urbana e rural de uma mesma cidade;
- **Status socioeconômico:** no qual se verifica a diferença entre a fala de grupos economicamente favorecidos e aqueles que apresentam uma renda baixa;
- **Grau de escolarização:** consideram-se as variedades da língua originadas pelo acesso maior ou menor à educação formal;
- **Idade:** adolescentes não falam da mesma forma que adultos, assim como adultos não falam como pessoas das gerações anteriores;
- **Sexo:** homens e mulheres fazem usos diferenciados dos recursos que a língua oferece;
- **Mercado de trabalho:** a profissão de cada indivíduo irá demandar o uso de vocabulário específico de cada área. Assim, um médico não utilizará os mesmos recursos linguísticos de um veterinário ou pedreiro, por exemplo.

- **Redes sociais:** cada pessoa irá ter um comportamento linguístico semelhante aos das pessoas com quem convive em sua rede social².

O estudo das variações citadas logo acima é de extrema importância para proporcionar uma reflexão sobre as variedades não apenas do português brasileiro, como também de tantos outros idiomas. Além disso, para abordar o preconceito linguístico, tão notável em nossa sociedade, é necessário que o aluno reconheça as variedades presentes em cada sociedade e valorize tais variedades de acordo com o contexto em que estão inseridas.

De acordo com Bagno (2005), para uma efetiva desconstrução do preconceito linguístico é necessário que haja uma mudança de atitude. O professor deverá refletir sobre seu objeto de trabalho, a norma culta, e adotar uma postura crítica em relação à língua, “deixando de lado (e denunciando, de preferência) as afirmações preconceituosas, autoritárias e intolerantes”(BAGNO, 2005, p. 115).

Como professora de inglês, constato que as “afirmações preconceituosas”, citadas por Bagno, também estão presentes na sala de aula de língua inglesa. É comum observarmos alunos de inglês, principalmente de nível básico, afirmarem em tom pejorativo que “os americanos falam cortando as letras”, “o inglês britânico é melhor porque é mais claro, mais fácil de entender”, expressando sua preferência por uma variedade sem ter noção do quanto a língua varia e que generalizações como essas são, no mínimo, inapropriadas, pois levam frequentemente a um discurso intolerante e preconceituoso. Dessa forma, cabe ao professor ter amplo conhecimento das variedades linguísticas, para assim levar seus alunos a uma reflexão sobre a língua. Ao ampliar seu conhecimento sobre a língua, o aluno poderá verificar não apenas variações fonético-fonológicas, mas também compreender os outros níveis de variação mencionados acima.

² Neste caso “rede social” se refere aos grupos sociais com os quais convivemos, diferentemente de redes sociais encontradas na internet.

2.2 Variação linguística no inglês

A língua inglesa, assim como todas as línguas existentes, está em constante transformação e apresenta inúmeras variedades. Crystal (2000), em seu artigo *Emerging Englishes*, cita uma das grandes mudanças na língua inglesa:

The bulk of the new distinctiveness of English is in vocabulary – by which I mean not just new words, but new meanings of words, and new idiomatic phrases. Words rapidly come into use in one area that are unknown in another. It only takes a year or so. (CRYSTAL, 2000, p. 3)

A constante formação de novas palavras e expressões idiomáticas, além da ressignificação das mesmas devem-se à contínua mudança que ocorre em nossa sociedade. Faraco (2005) elucida a relação entre mudanças sociais e mudanças linguísticas ao declarar que “há uma história social que precede as mudanças linguísticas, isto é, mudanças na organização social geram novas relações interacionais nas quais, então, se geram processos de mudança linguística” (FARACO, 2005, p. 66).

Nesse processo de transformação da língua, deve-se também considerar falantes não-nativos do idioma, uma vez que o inglês é cada vez mais utilizado internacionalmente, por habitantes dos mais distintos lugares da Terra. Seja como primeira língua ou língua estrangeira³, o idioma está fadado à variação e às mudanças linguísticas. Com o aumento de seus falantes, ocorre também a mistura entre as línguas, surgindo assim línguas como Spanglish (mistura de Espanhol com Inglês) e Franglish (mistura entre Francês e Inglês). Como esta fusão nem sempre é prestigiada pela sociedade, é necessário que haja uma maior compreensão e aceitação por parte dos alunos, a fim de evitar o preconceito linguístico em sala de aula.

Kachru (2001, p. 519) ao abordar os “New Englishes”, resultado da difusão do inglês durante o período colonial, utiliza três círculos para representar o uso do inglês em diferentes países. São eles: *Inner circle*, *Outer Circle* e *Expanding Circle*. No primeiro círculo estão os países que possuem o inglês como língua materna, como Austrália, Canadá e África do Sul. No segundo círculo temos países colonizados pelos EUA e Inglaterra, como Zâmbia, Malásia e Filipinas e, no terceiro círculo, temos

³ Damos preferência pelo termo “estrangeira” por estar presente nos PCNs, assim como no guia PNLD.

países que utilizam o inglês como língua estrangeira, como Japão, Coréia e Nepal. Ao pensar na grande expansão que o idioma teve a partir do período colonial, é imprescindível considerar as variações que o idioma irá sofrer.

Segundo Morais (2010, p. 33), “The higher the number of multilinguals who speak English around the globe, the more English will be shaped by local languages.”, conseqüentemente teremos cada vez mais variedades a serem estudadas e consideradas ao ensinar inglês como língua estrangeira. Cabe ressaltar brevemente que um ensino mais amplo de variedades não busca, necessariamente, abordar todos os ingleses no mundo, mas possibilitar a compreensão da fluidez e heterogeneidade da língua.

Crystal (2006), ao tratar do futuro do inglês como língua mundial, afirma que:

Language is an immensely democratising institution. To have learned a language is immediately to have rights in it. You may add to it, modify it, play with it, create in it, ignore bits of it, as you will. And it is just as likely that the course of the English language is going to be influenced by those who speak it as a second or foreign language as by those who speak it as a mother tongue. (CRYSTAL, 2006, p. 432)

Isso nos mostra que é extremamente equivocado o pensamento de língua como algo “homogêneo”, pois a língua será influenciada por seus falantes e sofrerá, assim, variações. É importante ressaltar que embora a língua possa ser modificada por seus falantes, sejam eles nativos ou não, cabe ao falante compreender que tais modificações levam tempo para ocorrer em contextos formais, e não necessariamente ocorrerão. Afirmar que é possível modificar e brincar com o idioma não nos dá o direito de, por exemplo, fugir das normas gramaticais ao publicar artigos científicos ou outros gêneros que exijam o uso da gramática normativa.

Ao considerar o ensino de inglês na rede pública, podemos verificar que ainda hoje a gramática normativa e interpretação textual são frequentemente tidos como base para o ensino, e as práticas de *listening* são majoritariamente nulas, muitas vezes pela falta de tempo em sala de aula. Dessa forma, grande parte da compreensão auditiva de nossos alunos ocorre graças ao conhecimento adquirido independentemente através do vasto acesso a filmes, séries e músicas de língua inglesa disponíveis online, assim como na televisão e rádio. É de grande importância ressaltar que, atualmente, grande parte do conhecimento trazido pelo aluno para sala de aula faz referência ao inglês estadunidense, devido ao amplo acesso que temos a

ele através dos meios de comunicação mencionados anteriormente. Assim, torna-se útil propiciar um ambiente que contemple mais variedades do inglês, a fim de evitar possíveis generalizações e “homogeneização” do idioma.

Embora algumas variedades da língua inglesa já sejam abordadas em sala de aula, é necessário que o conhecimento destas se amplie, deixando de abordar apenas variedades de origem geográfica, como as do inglês britânico x americano, ou então canadense x australiano, para então analisar as produções de acordo com a idade do falante, assim como seu sexo, status socioeconômico, sua inserção em redes sociais e mercado de trabalho.

Quanto ao estudo das variações relacionadas ao sexo, cabe destacar que embora o termo “gênero” seja mais adequado por respeitar a diversidade que pode haver independentemente do corpo físico analisado, mantivemos, neste trabalho, a terminologia empregada por Bagno (2007).

O estudo das variedades a partir dos fatores sociais mencionados por Bagno (2007), assim como o estudo das variedades em todos os níveis da língua (fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical e estilístico-pragmático), permitirá que um maior número de alunos reconheça e respeite tais variedades, e, principalmente, se acostume a conviver com as diferenças linguísticas, sem supervalorizar ou diminuir a língua de um grupo distinto ao seu. Dessa forma, o ensino de inglês estará de acordo com os PCNs, uma vez que possibilitará que os alunos percebam a variação linguística presente não apenas em sua primeira língua como também na língua estrangeira, contribuindo para a ampliação da competência comunicativa dos alunos.

2.3 Variação linguística no material didático

Sendo a língua heterogênea e variável, cabe a nós analisarmos também a forma como o material didático aborda a variação linguística, uma vez que o material didático fornecido pelas instituições públicas é utilizado diariamente por professores de todo o Brasil e serve como apoio a suas práticas pedagógicas.

Sabe-se que, infelizmente, o ensino da norma padrão ainda é louvado por muitos gramáticos. A busca pela neutralização da variação e controle da mudança linguística nada mais fez que distanciar a norma padrão das variedades realmente utilizadas por falantes de língua portuguesa, frequentemente anulando as variedades estigmatizadas. De acordo com Faraco (2012):

O padrão não conseguirá jamais suplantar a diversidade, porque, para isso, seria preciso o impossível (e o indesejável, obviamente): homogeneizar a sociedade e a cultura e estancar o movimento e a história.(FARACO, 2012, p. 39)

A fim de evitar o distanciamento causado pela norma padrão, muitos professores baseiam suas atividades pedagógicas no ensino da norma culta. Para Faraco (2012), a expressão *norma culta*:

(...)deve ser entendida como designando a norma lingüística praticada, em determinadas situações (aquelas que envolvem certo grau de formalidade), por aqueles grupos sociais mais diretamente relacionados com a cultura escrita, em especial por aquela legitimada historicamente pelos grupos que controlam o poder social. (FARACO, 2012, p. 37)

Seria o ensino da norma culta, então, a melhor alternativa para a sala de aula? Sendo a norma culta utilizada por grupos sociais prestigiados, é plausível ter como objetivo o ensino de tal norma em nossas escolas públicas, cujos alunos são majoritariamente parte de classes sociais estigmatizadas?

Partindo do princípio que os alunos estão na escola para aprender e apreender, o ensino da norma culta irá agregar conhecimentos e favorecer seu desenvolvimento. Porém, se faz necessário que ao ensinar a norma culta não se cometa o erro de tentar “corrigir” a fala dos alunos, uma vez que cada grupo apresentará suas variedades e quanto maior for o leque de variedades do aluno, em mais situações ele poderá interagir e se manifestar.

Assim como na língua portuguesa, o ensino de inglês deve abordar o maior número possível de variedades, possibilitando uma reflexão maior sobre suas realizações. De acordo com os PCNs de língua estrangeira:

(...) não é suficiente mostrar a relação entre grupos sociais diferentes (regionais, de classe social, profissionais, de gênero etc.) e suas realizações linguísticas; é necessário também indicar que as variações linguísticas marcam as pessoas de modo a posicioná-las no discurso, o que pode muitas vezes excluí-las de certos bens materiais e culturais. (BRASIL, 1998, p. 47)

Com base nos PCNs, o professor deverá elaborar suas aulas buscando levar seus alunos a refletir sobre como a língua pode auxiliá-los a se posicionar frente ao mundo.

Ao pensar em sala de aula, é imprescindível que o professor faça bom uso do material que lhe é oferecido, além de verificar se nele estão presentes as variedades atuais da língua inglesa. Para tal fim, sugerimos a leitura do guia PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) que tem por objetivo amparar os professores quanto à escolha dos materiais, fornecendo resenhas de alguns materiais e uma lista de questionamentos relevantes para a avaliação dos mesmos. Dentre as questões relevantes, destacamos algumas:

- Em relação aos textos, a coleção:

“Reúne um conjunto representativo de diferentes comunidades falantes da língua estrangeira?” (p. 45)

- No que se refere à compreensão oral, a coleção:

“Permite o acesso a variedades linguísticas, por meio de diferentes pronúncias e prosódias?” (p.46)

- No que se refere à expressão oral, a coleção:

“Contém atividades relativas a diferentes situações comunicativas?” (p.46)

- No que se refere aos elementos linguísticos, a coleção:

“Aborda variações linguísticas no uso da língua estrangeira?” (p.47)

Embora nossa análise não busque trabalhar com as questões acima, consideramos de extrema importância o estudo e apropriação do guia PNLD para que haja uma maior reflexão por parte de professores ao utilizar seu material didático de forma crítica.

Como já destacado por Rodrigues (2005), os materiais didáticos de língua inglesa abordam predominantemente as variedades britânicas e americanas e é sugerido:

(...)que os professores, ao selecionar os materiais didáticos, levem em consideração o tratamento que estes materiais dão a variação linguística, mais especificamente, no tocante à apresentação de textos de diferentes dialetos e de diferentes registros, na exploração do vocabulário, na explanação gramatical. (RODRIGUES, 2005, p. 65)

Assim como Rodrigues(2005), Schmitt (2012) analisa materiais didáticos e verifica na coleção *Links* um tratamento superficial quanto à variação linguística. Segundo o autor:

(...)Em relação à análise qualitativa dos dados, percebeu-se que, ao olhar para todos os excertos que abordam variação da língua inglesa, muitos dos critérios de avaliação dos livros didáticos encontrados no guia do PNLD não são contemplados.(SCHMITT, 2012, p. 74)

Temos nos trabalhos de Rodrigues (2011) e Schmitt (2012) exemplos de quão rasa pode ser a abordagem dada à variação linguística, embora sua presença no material didático seja prescrita pelo guia PNLD.

Sugiro que para uma maior compreensão da análise feita neste trabalho, consideremos a importância de pensar o ensino de inglês refletindo sobre a heterogeneidade da língua, assim como os diversos níveis de variação linguística e a abordagem trazida pelos materiais didáticos quanto à variação. Dessa forma, poderemos auxiliar a ampliação do conhecimento de nossos alunos quanto à variação linguística e possibilitar uma maior reflexão e aceitação do diferente.

3 METODOLOGIA

Neste trabalho analisamos o livro didático de língua inglesa do 8º ano da coleção *Alive!*, elaborado por Vera Menezes, Junia Braga e Claudio Franco, publicado pela editora Anzol em 2012 e utilizado em uma escola da rede pública de Bagé-RS entre os anos de 2014 e 2016. Dentre os quatro livros da coleção *Alive!* (6º a 9º ano), analisamos o material do 8º ano, pois nele encontra-se uma unidade dedicada às variedades linguísticas de língua inglesa. Dessa forma teríamos um maior leque de atividades para explorar. A seguir trazemos uma breve descrição do material, seguida do *corpus* deste trabalho e por fim de uma explanação sobre o processo de análise do livro didático.

3.1 O livro didático

O material analisado é dividido em quatro partes, cada uma com duas unidades. Na primeira parte, intitulada *Languages and Superstitions around the world*, temos a unidade 1, *English in the world*, e a unidade 2, *Superstitions around the world*. Na segunda parte, *Nature and travel*, temos as unidades 3 e 4: *Weather and natural disasters* e *Traveling around the world*, respectivamente. Na terceira parte, *World, Media and Appearances*, temos a unidade 5, *World and the media*, e a unidade 6, *Beyond appearances*. E por fim, na última parte, *Stories and Holidays*, temos as unidades 7 e 8, *Telling stories* e *Special dates around the world*, respectivamente.

Cada parte começa com uma seção chamada *Learning Plan*, que apresenta o conteúdo a ser trabalhado, e finaliza com as seções *Learning strategies* e *Assess your learning*. Ao longo de cada unidade, o aluno se depara com sete seções, que variam de acordo com o conteúdo trabalhado. No total existem dez tipos de seções. São elas: *Let's start!*, na qual o aluno é apresentado ao vocabulário e estruturas que serão estudadas posteriormente; *Let's read!*, onde o aluno encontra textos dos mais variados gêneros e trabalha com atividades relacionadas a eles; *Art Corner*, seção que apresenta expressões artísticas para discussão e atividades; *Let's focus on language!*, onde são apresentadas as questões gramaticais; *Let's listen!*, seção com atividades de áudio relacionadas ao assunto da unidade; *Let's talk!*, seção que propõe a interação oral dos alunos; *Let's read and listen!*, seção que permite a leitura sobre diversos temas e atividades de áudio relacionadas ao mesmo assunto; *Let's learn*

about fables!, seção que apresenta informações sobre o tema trabalhado na unidade, assim como vocabulário; *Let's act with words!*, seção que promove a produção textual do aluno em diferentes gêneros; e por fim, *Let's sing!*, seção que possibilita o aluno trabalhar sua compreensão oral através de canções em inglês e também cantar.

Além das quatro partes, os alunos contam com atividades extras, *Extra activities 1 and 2*, que fornecem exercícios para rever e aprofundar os conhecimentos obtidos ao longo do ano.

3.2 Corpus do trabalho

Tivemos como objetivo verificar se o material didático contempla os seis níveis de variação linguística abordados por Bagno (2007). São eles: variação fonético-fonológica, variação morfológica, variação sintática, variação lexical, variação semântica e variação estilístico-pragmática. Além disso, foram analisados os fatores sociais que podem auxiliar na identificação de fenômenos da variação linguística. Verificamos, em todas as unidades didáticas, se as atividades encontradas no material contemplam variedades de acordo com a origem geográfica, status socioeconômico, grau de escolarização, sexo, idade, mercado de trabalho e redes sociais. O *corpus* do trabalho, portanto, foi constituído por todas as atividades do livro didático sob análise que envolviam a variação linguística, de maneira explícita ou não. Para a constituição do *corpus*, o livro didático foi lido e analisado na íntegra.

3.3 Processo de análise

A análise do material foi dividida em duas partes: níveis de variação linguística e fatores sociais. Em ambas as partes buscamos elencar o número de atividades que contemplavam os níveis e fatores abordados por Bagno (2007) e, em seguida, trazemos exemplos de cada nível/fator a fim de ilustrar os dados coletados. A partir dessa análise, pudemos refletir sobre o valor que é dado à variação no nível fonético-fonológico assim como ao fator de origem geográfica.

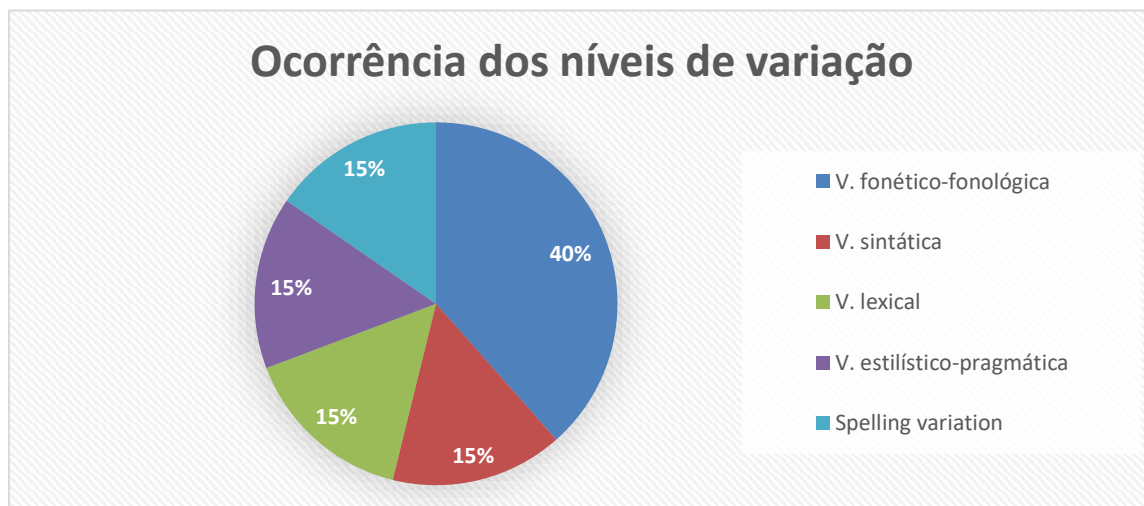
4 ANÁLISE

Tivemos como objeto de análise o livro didático de língua inglesa do 8º ano da coleção *Alive!*, elaborado por Vera Menezes, Junia Braga e Claudio Franco, publicado no ano de 2012 e utilizado em escolas da rede pública de Bagé nos anos de 2014 a 2016, como foi mencionado anteriormente. Ao contrário do esperado, as variedades linguísticas foram abordadas em apenas 13 momentos, desde a unidade 1 até a 8, incluindo atividades extras. Abaixo temos a análise feita de acordo com os níveis de variação linguística e, logo a seguir, a análise de acordo com os fatores sociais mencionados por Bagno (2007).

4.1 Níveis de variação linguística

No Gráfico 1, logo abaixo, podemos verificar a incidência da variação nos níveis propostos por Bagno (2007, p. 39-40), assim como *spelling variation* (variação ortográfica), presente no material didático em dois momentos distintos. Embora Bagno não faça menção à variação ortográfica, decidimos incluí-la em nossa análise por estar presente no material didático. Pode-se observar que dentre os treze casos de variação, cinco deles fazem referência à variação fonético-fonológica, dois são exemplos de variação lexical, dois são exemplos de variação sintática, dois são exemplos de *spelling variation*, e por fim há dois casos de variação estilístico-pragmática. A variação no nível morfológico e semântico não foi abordada.

Gráfico 1 – Ocorrência de variação conforme os níveis propostos por Bagno (2007)



Fonte: Elaborado pela autora.

Na tabela abaixo elencamos o número de atividades de acordo com o nível de variação e as unidades nas quais estão presentes. Como podemos ver, na unidade 1, *English in the world*, concentra-se a maior quantidade de atividades envolvendo variação, sendo três de origem fonético-fonológica, duas de origem lexical e uma ortográfica. Na unidade 2 apenas a variação no nível estilístico-pragmático teve destaque, já na unidade 3 dois níveis de variação foram abordados, fonético-fonológico e ortográfico. Nas unidades 4 e 5 foram encontrados casos de variação sintática, e nas unidades 6 e 7 não houve casos de variação linguística. Na última unidade do material, unidade 8, foi encontrado um caso de variação no nível estilístico-pragmático e, por fim, um último caso de variação fonético-fonológica presente nas atividades extras referentes à unidade 1.

Tabela 1 – Variação linguística por unidade

Variação/unidade	Fonético-fonológica	Morfológica	Sintática	Semântica	Estilístico-pragmática	Lexical	Spelling
Unit 1	3	-	-	-	-	2	1
Unit 2	-	-	-	-	1	-	-
Unit 3	1	-	-	-	-	-	1
Unit 4	-	-	1	-	-	-	-
Unit 5	-	-	1	-	-	-	-
Unit 6	-	-	-	-	-	-	-
Unit 7	-	-	-	-	-	-	-
Unit 8	-	-	-	-	1	-	-
Extra activities	1	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaborado pela autora.

Iremos, a partir de agora, dar alguns exemplos de cada nível de variação encontrado no livro didático. A Figura 1, logo abaixo, ilustra a primeira página da Unidade 1 (Seção *Let's start!*), na qual temos a variação nos níveis lexical e fonético-fonológico sendo abordada.

Figura 1 - Exemplo de atividade com variação no nível lexical e fonético-fonológico, seção *Let's start!*, unidade 1

1 English in the world

Let's start!

Language in action
Learn to talk about the future, make predictions, promises, and offers.

Para iniciar a unidade, sugerimos escrever, no quadro de giz, palavras e expressões no português de Portugal e perguntar se os alunos sabem o que elas significam no português do Brasil. Exemplos de variações linguísticas de palavras no português do Brasil e no de Portugal podem ser encontrados na seção *Objetivos, temas e sugestões por unidade*, no Manual do Professor. Em seguida, o professor poderá pedir aos alunos que comparem as variações das palavras e expressões em diferentes países de língua inglesa, dadas nesta página, e apontem as diferenças.

have got
pavement
colour, neighbour
trousers
toilet

have got/have
colour, neighbour
footpath
gaar (friend)

pavement
colour, neighbour
pop (soft drink)
washroom

have
sidewalk
color, neighbor
pants
restroom

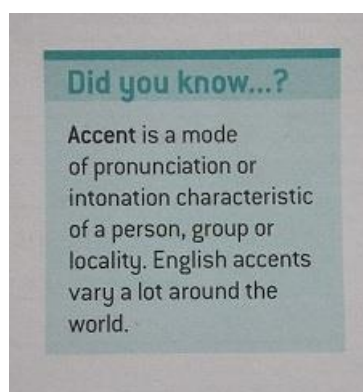
Dankie (Thank you)
Howzit?
Oke (Guy)

G'day! (Hello!)
How ya goin' luv?
footpath
shella (woman)

Fonte: MENEZES; BRAGA; FRANCO (2012, p. 10)

Como podemos observar, nessa primeira parte a ênfase é dada na variação em nível lexical em países como Canadá, Estados Unidos, Inglaterra, África do Sul, Austrália e Índia, trazendo uma breve noção de outras variedades da língua inglesa diferentes da dicotomia *American x British English*. Destacamos que embora haja ênfase em outras variedades de origem geográfica, todos os países mencionados no material didático fazem parte do *Inner Circle* de Kachru (2001), e em nenhum momento o material trouxe a variação em países do *Outer Circle* e *Expanding Circle*. Essa atividade foi escolhida pois, além de trabalhar com a variação lexical, a atividade de *listening*, na página 2, promove uma reflexão quanto à variação no nível fonético-fonológico. Inicialmente, o professor é orientado a tocar o áudio do CD e possibilitar que seus alunos ouçam as pronúncias dos falantes de cada país e identifiquem as diferenças entre elas. Destaco desta atividade o box complementar (Figura 2) que promove uma reflexão sobre o que é *accent* e a variedade de sotaques que a língua inglesa possui, possibilitando assim uma visão mais ampla com relação à variação fonético-fonológica.

Figura 2 - Box *Did you know...?*, seção *Let's start!*, unidade 1 **pessoa group**



Fonte: MENEZES; BRAGA; FRANCO (2012, p. 11)

Ainda na unidade 1, na seção *Let's read!*, encontramos um texto intitulado *The language of South Africa* (Figura 3) que aborda as diferentes línguas faladas na África do Sul e traz exemplos do *South African English*. Embora o texto apresente as variedades da África do Sul, podemos verificar na atividade 4 (Figura 4), um exercício de diferenciação entre inglês americano e britânico, o que nos faz questionar sua relevância em meio à questão cultural africana. Além disso, é sugerido ao professor

que, caso julgue interessante, apresente outras variações ortográficas como as do Quadro 1.

Figura 3 - Texto *The language of South Africa*, seção *Let's read!*, unidade 1

The languages of South Africa

South Africa has 11 official languages, and scores of unofficial ones besides. English is the most commonly spoken language in official and commercial public life – but only the sixth most spoken home language. The country's democratic constitution, which came into effect on 4 February 1997, recognises 11 official languages, to which the state guarantees equal status.

English

Estimates based on the 1991 census suggest that some 45% of the population have a speaking knowledge of English.

Today, English is the country's lingua franca, and the primary language of government, business, and commerce. It is a compulsory subject in all schools, and the medium of instruction in most schools and tertiary institutions.

According to the 2001 census, English is spoken as a home language by 8.2% of the population (3 673 206 people) – one in three of whom are not white. South Africa's Asian people, most of whom are Indian in origin, are largely English-speaking, although many also retain their languages of origin. There is also a significant group of Chinese South Africans, also largely English-speaking but who also retain their languages of origin as well.

South African English is an established and unique dialect, with strong influences from Afrikaans and the country's many African languages. For example: "The old lady has been tuning me grief all avie, coz I bust her tior going yooees with the okes in Bez Valley" would translate as: "My mother has been shouting at me all afternoon because I crashed her car doing U-turns with my friends in Bez Valley."

Adapted from: < www.southafrica.info/about/people/language.htm >
Accessed on: July 4, 2011

The first eleven
South Africa's languages
% whose mother tongue is:

Language	%
Zulu	22
Xhosa	18
Afrikaans	14
Pedi Northern Sotho Sotho	10
English	8.2
Tswana	6
Tsonga (Shangana)	3
Swazi	3
Venda	2
Ndebele	2

Source: 2001 Census

With 11 official languages, South Africa is a country of remarkable cultural diversity.

Fonte: MENEZES; BRAGA; FRANCO (2012, p. 12)

Figura 4 - Atividade 4, seção *Let's read!*, unidade 1


4. In "The country's democratic constitution (...) recognises 11 official languages", **recognises** is an example of a word with spelling variation in English. Complete the chart with pairs of words: theater/theatre, meter/metre, memorize/memorise, analyze/analyse, honor/honour, favourite/favorite.

American English	British English
recognize, _____ memorize _____ analyze _____	recognise, _____ realise _____ memorise _____
center, _____ theater _____ meter _____	centre, _____ theatre _____ metre _____
color, _____ favorite _____ honor _____	colour, _____ favourite _____ honour _____

5. Based on the subtitle "With 11 official languages, South Africa is a country with remarkable cultural diversity", discuss these questions with your classmates. *Personal answers.*

a) Apart from the languages, what else makes South Africa a country with extraordinary cultural diversity?

b) Is Brazil culturally diverse? Why (not)? What about your school? *Personal answers.*



Language variation

Here are some examples of common words unique to South African English:

- * **cousin, cuzzy** (noun, informal) – friend, mate
- * **kombi** (noun) – minibus taxi.
- * **nê** (neh) (exclamation, informal) – "Really?", "Oh yeah?" or "Is that so?". Often used sarcastically. Or an invitation to agreement, similar to "Yes?", as in: "That bakkie's blooming big, nê?". From the Afrikaans.

Available at: < www.mediaclubsouthafrica.com/index.php?option=com_content&view=article&id=423 >. Accessed on: July 4, 2011.

Boxe Language variation – Recomendamos ao professor comentar a importância das questões identitárias ao empregar palavras e expressões típicas de uma região, como é o caso do inglês da África do Sul, e pedir que os alunos exemplifiquem com palavras e expressões conhecidas e específicas em seu contexto local.

thirteen 13

Fonte: MENEZES; BRAGA; FRANCO (2012, p. 13)

Quadro 1 – Exemplos de variação ortográfica sugeridos pelo livro didático

Inglês Britânico	Inglês Americano
Neighbour	Neighbor
Rumour	Rumor
Labour	Labor
Humour	Humor
Flavour	Flavor
Fibre	Fiber
Litre	Liter
Organise	Organize

Fonte: MENEZES; BRAGA; FRANCO (2012, p. 13)

Abaixo da atividade 5, na mesma seção, como mostra a Figura 4, temos um quadro dedicado a *Language variation* que apresenta a variação lexical do South African English. Tratar da variação ortográfica entre inglês americano e britânico antes mesmo de abordar o inglês africano possibilita um questionamento quanto à importância que é dada a essas variedades, desconsiderando o assunto principal do texto.

Além dos exemplos acima mencionados, analisamos um exemplo de variação linguística no nível estilístico-pragmático encontrado na seção *Let's focus on language!*, unidade 2, na qual o box *Language Variation* aborda a variação entre *were* e *was* em *if-clauses*, frases utilizadas para mencionar condições irreais. Nesse exemplo de variação, *were* é utilizado com os pronomes pessoais *I*, *he*, *she* e *it* quando o contexto da fala for formal, enquanto *was* é utilizado com esses mesmos pronomes em situações informais. Temos nesse box, como podemos ver na Figura 5, o único exemplo de variação linguística na unidade 2, *Superstitions around the world*.

Figura 5 - Language variation in If-clauses, seção *Let's focus on language!*, unidade 2

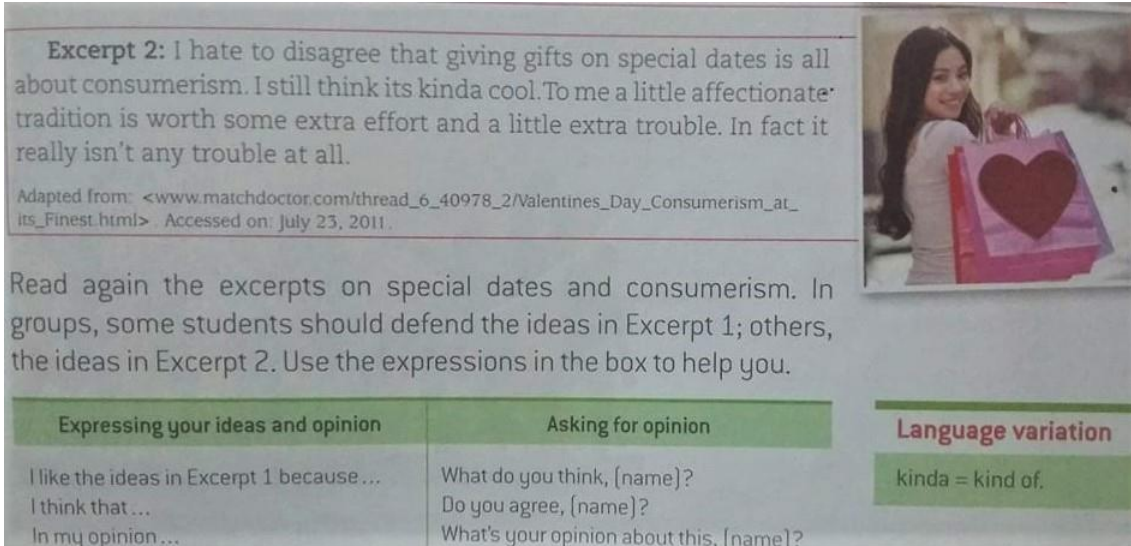


Fonte: MENEZES; BRAGA; FRANCO (2012, p. 29)

Um outro exemplo de variação no nível estilístico-pragmático foi encontrado na unidade 8. Apresentado no material como um box *Language Variation*, na seção *Let's read and talk!*, ele traz o exemplo de "kind of", também utilizado como "kinda", que pode significar "tipo", "meio", de acordo com o contexto. A expressão "kinda",

utilizada na frase “I still think it’s kinda cool”, ilustra um caso de informalidade, embora o livro apenas mencione que se trata de um caso de variação linguística, sem esclarecer o que o influencia.

Figura 6 - Exemplo de variação no nível estilístico-pragmático, seção *Let’s read and talk!*, unidade 8



Excerpt 2: I hate to disagree that giving gifts on special dates is all about consumerism. I still think its kinda cool. To me a little affectionate tradition is worth some extra effort and a little extra trouble. In fact it really isn't any trouble at all.

Adapted from: <www.matchdoctor.com/thread_6_40978_2/Valentines_Day_Consumerism_at_its_Finest.html> Accessed on: July 23, 2011.

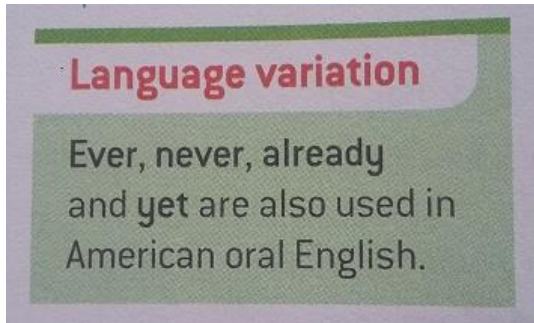
Read again the excerpts on special dates and consumerism. In groups, some students should defend the ideas in Excerpt 1; others, the ideas in Excerpt 2. Use the expressions in the box to help you.

Expressing your ideas and opinion	Asking for opinion	Language variation
I like the ideas in Excerpt 1 because...	What do you think, [name]?	kinda = kind of.
I think that ...	Do you agree, [name]?	
In my opinion ...	What's your opinion about this, [name]?	

Fonte: MENEZES; BRAGA; FRANCO (2012, p. 123)

Por fim, temos um exemplo de variação no nível sintático. Ao analisar a unidade 5, *World and media*, pode-se identificar a variação no uso de *time expressions* de acordo com o tempo verbal utilizado. O box *Language Variation* (Figura 7) traz uma contribuição importante quanto ao uso de *ever*, *never*, *already* e *yet*, porque, além de serem empregadas no Present Perfect, também são utilizadas no passado simples quando expressas oralmente em inglês americano.

Figura 7 - Language Variation with *ever*, *never*, *already* and *yet*, seção *Let’s focus on language!*, unidade 5



Language variation

Ever, never, already and yet are also used in American oral English.

Fonte: MENEZES; BRAGA; FRANCO (2012, p. 76)

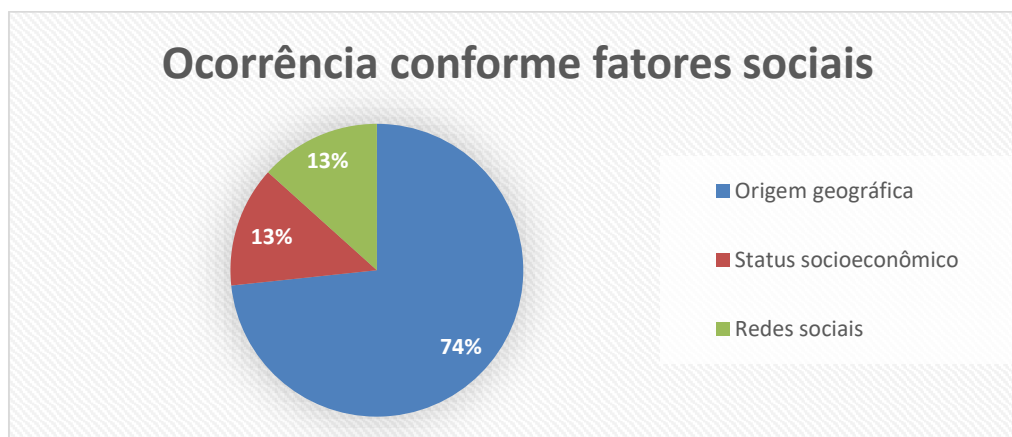
Como podemos observar inicialmente, a unidade dedicada à variação linguística, intitulada *English in the world* (unidade 1), aborda com maior ênfase os diferentes níveis de variação, enquanto o restante das unidades lhes dá pouco destaque, incluindo-os por momentos em *boxes* que podem indicar a variação como algo secundário ao ensino proposto pelo material didático.

A seguir serão apresentados mais dados coletados do material didático do 8º ano da coleção *Alive!*, com o objetivo de verificar a variação linguística encontrada de acordo com os fatores sociais mencionados por Bagno (2007). São eles: origem geográfica, status socioeconômico, grau de escolarização, idade, sexo, mercado de trabalho e redes sociais.

4.2 Fatores sociais

Após verificar os níveis de variação propostos por Bagno (2007), buscamos analisar quais fatores sociais estavam representados nos treze casos de variação encontrados no material didático. Foram identificados, no total, apenas três dos sete fatores. São eles: origem geográfica (11 casos), status socioeconômico (2 casos) e redes sociais (2 casos). Temos no total 15 exemplos porque dois representam mais de um fator (origem geográfica e status socioeconômico). No Gráfico 2, a seguir, pode-se verificar a porcentagem de cada fator presente no material.

Gráfico 2 – Ocorrência de variação conforme os fatores sociais propostos por Bagno (2007)



Fonte: Elaborado pela autora.

Com relação à distribuição de fatores sociais por unidade, observou-se que na unidade 1, *English in the world*, todos os seis casos de variação eram marcados pelo fator origem geográfica, por tratarem principalmente das diferenças entre escrita e pronúncia do inglês em diferentes partes do mundo. Dentre os seis casos encontrados na unidade 1, um deles também engloba o fator status-socioeconômico. Na unidade 2, *Superstitions around the world*, encontra-se um caso de variação conforme o fator redes sociais. Nas unidades 3, 4 e 5, novamente temos atividades relacionadas ao fator origem geográfica. Na unidade 8, *Special dates around the world*, temos outro caso de variação conforme o fator redes sociais. E, por fim, um último exemplo de variação de origem geográfica e status socioeconômico na atividade extra, referente à unidade 1, como podemos verificar na Tabela 2, abaixo.

Tabela 2 - Fatores sociais por unidade

Fatores sociais/unidade	Unit 1 ⁴	Unit 2	Unit 3	Unit 4	Unit 5	Unit 6	Unit 7	Unit 8	Extra activities ⁵
Origem geográfica	6	-	2	1	1	-	-	-	1
Status Socioeconômico	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Grau de escolarização	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Idade	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Sexo	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Mercado de trab.	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Redes sociais	-	1	-	-	-	-	-	1	-

Fonte: Elaborado pela autora.

A seguir, analisamos algumas atividades mencionadas acima, a fim de exemplificar as informações aqui fornecidas.

⁴ Nesta unidade há sete casos de variação de acordo com os fatores sociais porque um deles aborda origem geográfica assim como status socioeconômico.


⁵ Aqui também encontramos uma atividade que aborda dois fatores: a origem geográfica e status socioeconômico.

Nas Figuras 1, 2, 3 e 4, apresentadas anteriormente, temos claros exemplos de variação motivada pelo fator origem geográfica. Na Figura 1, por exemplo, observa-se a variação de acordo com o país em que a língua é falada, seja ele Canadá, Estados Unidos, Inglaterra, África do Sul, Austrália ou Índia. Além desses casos, temos na Figura 8, abaixo, mais um exemplo do fator origem geográfica que engloba também o fator status socioeconômico⁶.

Figura 8 - Fator origem geográfica e status socioeconômico, seção *Let's listen and talk!*, unidade 1

Let's listen and talk!

2. Para contextualizar esta atividade, sugerimos comparar sobre *My fair lady* que constam da seção *Objetivos*, Manual do Professor.

- Why is it important to learn the language of educated people? *Personal answer.*
 - To be accepted by others. To get better jobs.
 - To defend our rights. To look like rich people.
-  Listen to a snippet of the film *My Fair Lady* (George Cukor, 1964). It is part of a conversation between Henry, a phonetics professor, and Eliza, a poor woman who wants to speak upper-class English. Then, answer the questions.

Professor Henry Higgins:	All right, Eliza, say it again.
Eliza Doolittle:	The rine in spine sties minely in the pline.
Professor Henry Higgins:	[sighs] The *rain* in *Spain* stays *mainly* in the *plain*.
Eliza Doolittle:	Didn't ah sy that?
Professor Henry Higgins:	No, Eliza, you didn't "sy" that, you didn't even "say" that. Now every night before you get into bed, where you used to say your prayers, I want you to say "The rain in Spain stays mainly in the plain" fifty times. You'll get much further with the Lord if you learn not to offend His ears.

Available at: < www.great-quotes.com/cgi-bin/viewquotes.cgi?action=search&Movie=My+Fair+Lady> . Accessed on: July 4, 2011.

- Which words does Mr. Higgins want Eliza to pronounce in a different way?
Rain, Spain, stays, mainly, plain, say.
- How many times does Mr. Higgins want Eliza to repeat "The rain in Spain stays mainly in the plain"?
Fifty times.

Fonte: MENEZES; BRAGA; FRANCO (2012, p. 17)

⁶ A Figura 8, além de abordar o fator status socioeconômico, também faz parte dos exemplos de variação no nível fonético-fonológico.

Como podemos observar nas questões um e dois, o fator status socioeconômico é a origem da fala “inadequada” de Doolittle e, por essa razão, Mr. Higgins tenta ensiná-la o “upper-class English”. Deve-se considerar, é claro, que além do fator status socioeconômico, a fala de Eliza é dessa forma por ela ter um *Cockney accent*, característico na fala de londrinos pertencentes à classe trabalhadora, o que também indica o fator de origem geográfica. Nessa página podemos observar o preconceito linguístico na fala do professor Higgins: “You’ll get much further with Lord if you learn not to offend His ears”. Para contextualizar essa atividade o Manual do Professor⁷ fornece informações sobre o filme *My Fair Lady* e indica que “Essa atividade também representa uma boa oportunidade para se discutir o preconceito sobre as diferenças dialetais não só no inglês, mas também no português”. (MENEZES; BRAGA; FRANCO, 2012, p.18). O fato dessa orientação não estar no livro didático a que o aluno terá acesso, e sim no manual do professor, faz com que seja possível o aluno crer que está “ok” corrigir a fala de outras pessoas e, dessa forma, propagar o preconceito linguístico. Cabe ao professor fazer questões que possibilitem a seus alunos refletir sobre o preconceito linguístico presente em nossa sociedade.

Na unidade 2, *Superstitions around the world*, temos um exemplo do fator redes sociais. Nele, o uso de *was* e *were* será utilizado de acordo com a formalidade da fala, como podemos ver na Figura 5, utilizada anteriormente na seção 4.1. Nessa atividade é dado destaque ao uso adequado de *was* ou *were* de acordo com a situação, ou seja, o comportamento linguístico do indivíduo irá variar de acordo com o meio em que estiver inserido. Outro exemplo do fator redes sociais pode ser visto no uso de *kinda* (Figura 6), pois a variação também será influenciada pela formalidade da situação. Nos dois casos sob análise, as variantes mais informais (*was em if-clauses* e *kinda*) são também inovadoras na língua. Como destacam Ribeiro e Lacerda (2013), a seleção entre a variante inovadora e a conservadora tem uma relação estreita com as redes sociais de que participam os falantes, no sentido de que redes mais isoladas tendem ao conservadorismo linguístico, enquanto redes mais amplas são mais abertas às formas inovadoras da língua. Esta discussão está diretamente relacionada, portanto, às possibilidades de mudança linguística.

⁷ Embora a análise do Manual do Professor não fizesse parte do nosso objetivo, recorremos a ele, pois notamos a falta de questionamentos no material didático sobre o forte preconceito na fala do professor Higgins.

Como pudemos observar ao longo das seções 4.1 e 4.2, o nível de variação predominante no material didático é o fonético-fonológico e o principal fator social é a origem geográfica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, tivemos como objetivo verificar a presença de diferentes níveis de variação linguística e fatores sociais que motivam tais variações no material didático de língua inglesa do oitavo ano da coleção *Alive!*. Para nossa análise, buscamos encontrar atividades que abordassem os seguintes níveis de variação: fonético-fonológico, morfológico, sintático, lexical, semântico e estilístico-pragmático. Quanto aos fatores sociais, foram utilizados como parâmetro os listados por Bagno (2007). São eles: origem geográfica, status socioeconômico, grau de escolarização, sexo, idade, mercado de trabalho e redes sociais.

Foi identificado um total de quatro níveis de variação propostos por Bagno (2007): fonético-fonológico; sintático; lexical e estilístico-pragmático. Além desses quatro níveis, o material abordou a *spelling variation*, também conhecida como variação ortográfica, mas que não faz parte dos níveis propostos pelo autor. Quanto aos fatores sociais, foram identificados apenas três: origem geográfica; status socioeconômico e redes sociais. Observou-se que, dentre os níveis de variação, houve maior destaque à variação fonético-fonológica, presente em 40% dos casos. Quanto aos fatores sociais, é notório o destaque das variedades de acordo com a origem geográfica, presente em 74% dos casos.

Dessa forma, verificamos que, embora o material aborde diferentes variedades, ainda é necessário ampliar o leque de conhecimento dos alunos para que não se limitem a crer que a língua irá variar apenas de acordo com o local onde se fala, seja EUA, Inglaterra ou África do Sul, ou então que as variedades estão restritas ao *accent* de cada região. A compreensão das variedades linguísticas possibilita uma maior reflexão sobre as diferenças linguísticas e culturais, além de instigar o respeito à diversidade tão necessário em nossa sociedade.

Com este trabalho esperamos contribuir para a discussão sobre variação linguística em materiais didáticos de língua inglesa, assim como sinalizar a relevância desse tópico na formação inicial de professores de idiomas, uma vez que estes serão responsáveis por fazer uso apropriado e crítico do material didático.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2005.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira* / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 120 p.
- COELHO, Izete Lehmkuhl [et al.]. *Sociolinguística*– Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010. 172 p.: 28 cm
- CRYSTAL, David. *English worldwide*. In R. Hogg and D. Denison (eds), *A History of the English Language* (Cambridge: CUP, 2006), 420-39; adapted by the Open University for Philip Seargeant & Joan Swann (eds), *English in the world: history, diversity, change* (Routledge, 2012), 152-77.
- CRYSTAL, David. Emerging Englishes. *English Teaching Professional*, local, v. 14, p. 3-6, 2000. Disponível em: <<http://www.davidcrystal.com/?fileid=-4038>>. Acesso em: 13 de outubro de 2016.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 66.
- GUIA de livros didáticos: *PNLD 2014: língua estrangeira moderna: ensino fundamental: anos finais*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2013. 56 p.
- _____. *Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós*. In: BAGNO, Marcos (org.) *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2012. p. 35-56.
- KACHRU, B. B. New Englishes. In.: MESTHRIE, Rajend (ed). *Concise Encyclopedia of Sociolinguistics*. Amsterdam; New York: Elsevier, 2001.
- LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. 11th printing. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1991.
- MENEZES, Vera; BRAGA, Junia; FRANCO, Claudio. *Alivel!: inglês, 8º ano.* – 1.ed. – São Paulo: Editora Anzol, 2012.
- MORAIS, Kátia V. *Negotiating Linguistic Diversity in World Englishes and World*. Electronic Dissertation. The University of Arizona. Disponível em: <<http://arizona.openrepository.com/arizona/handle/10150/194113>>. Acesso em 20 de maio de 2017.
- RIBEIRO, Patrícia Rafaela Otoni; LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da Cunha. Variação, Mudança e não mudança linguística: ressignificando o conservadorismo linguístico no português do Brasil. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 9,

número 2, dezembro de 2013. Disponível em:
<<http://www.lettras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>>. Acesso em 07 de novembro de 2017.

RODRIGUES, Daniel de Sá. *O tratamento da variação linguística em livros didáticos de língua inglesa*. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada) - Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará. Ceará, 2005.

SCHMITT, Tafarel. *Para além do padrão? Variação linguística na coleção didática Links*. Trabalho de conclusão de curso – Curso de Letras Habilitação Português/Inglês, Unisinos. São Leopoldo, 2012.